



JOSÉ MIGUEL PINTO DOS SANTOS
Professor de Finanças,
AESE

O ouro do Brasil

As nossas ações refletem a nossa esperança. Quem poupa demonstra confiança no futuro. Quem consome revela a sua fé no aqui e agora. Quem vende acredita no valor do dinheiro e quem compra supõe que pode gozar a coisa que adquire.

Uma das consequências do esforço feito pelo Brasil, desde 2008, para impedir a apreciação do real tem sido o acumular de reservas externas – as sextas maiores do mundo, segundo os dados mais recentes do FMI. Cerca de 80% destas reservas brasileiras estão denominadas em dólares americanos e a maior parte estão aplicadas em obrigações do Governo dos Estados Unidos. Nisto o Brasil é semelhante a outros países que também sofrem do problema de excesso de reservas: à falta de divisas alternativas com mercados de dívida líquidos, profundos e com pouco risco político e de incumprimento, a maior parte delas são aplicadas em dólares. Por aqui se vê onde as autoridades brasileiras têm estado a pôr sua esperança: na continuação do poder de compra da divisa americana.

No entanto, os desenvolvimentos recentes nas políticas monetárias e orçamental norte-americanas têm sido motivo suficiente para as autoridades do país irmão começarem a temer pelo valor das suas reservas. Há já meses que denunciam desvalorizações competitivas, que têm efeitos não só na balança de pagamentos, mas também no valor da sua carteira de divisas. Agora passaram à ação: em outubro o Brasil adquiriu nada menos que 17,2 toneladas de ouro, elevando as suas reservas em metal amarelo para 52,5 toneladas. Esta compra pode ser justificada por uma grande variedade de razões. Mas, mais que qualquer declaração oficial, esta ação indica onde os brasileiros estão agora a pôr a sua esperança.